

Juros baixam e bancos disputam clientes

Economia - Brasil

Instituições caçam tomadores de recursos mas são poucas as empresas dispostas a pagar taxas de até 26% ao mês pelos empréstimos

FÁBIO PAHIM Jr.

Sobra dinheiro na praça, os juros baixaram acompanhando a inflação e os bancos disputam clientes, cobrando menos de quem aceita os empréstimos — mas nem por isso há empresas dispostas a pagar 25% ou 26% ao mês, na melhor das hipóteses, para investir em novas máquinas e equipamentos ou mesmo para financiar seus estoques. “Se faltar dinheiro, é melhor tirar do bolso”, diz o microempresário Abílio Gorin.

Entre dezembro de 1987 e março de 1992, conforme dados do Banco Central, a queda real dos empréstimos foi de 25,5%, calcula o departamento econômico de um dos principais conglomerados privados. Uma

ligeira recuperação do volume de empréstimos, este ano (9,5% até junho, conforme a publicação **Brasil Programa Econômico** do BC), é consequência de duas distorções: 1) juros muito altos que não são pagos, incorporando-se ao principal dos empréstimos; e 2) a rolagem das operações com as empresas estatais.

Trata-se, neste caso, de financiamentos que aparecem há anos nos ativos bancários, principalmente nos bancos estatais, mas que nem são pagos nem se transformam, oficialmente, em créditos podres (difícilmente recuperáveis), e só engordam as estatísticas dando a impressão de que há mais tomadores na praça.

“Não houve, este ano, crescimento dos empréstimos, mas sim da ta-

xa real de juros”, diz José Baía Sobrinho, presidente do Banco Pontual. Segundo ele, a clientela é a mesma, e como sobra dinheiro, não há problema de falta de crédito. “Se a liquidez fosse menor, os bancos seriam mais rígidos.” Além disso, explica, as instituições caçam os tomadores de recursos e “antigos clientes B hoje são AA” — referência à classificação bancária segundo a qual os melhores clientes são “triplice A — AAA”.

Mau negócio — Com a disputa de mercado, os spreads — diferença entre o que o banco paga aos aplicadores em CDBs e o que cobra dos emprestadores — “caíram muito”, afirma Baía Sobrinho. “Hoje os bancos fazem seu lucro na arbitra-

gem — captação de recursos a taxas menores do que as obtidas na aplicação — pois emprestar não é negócio”, explica.

Além dos juros, a chamada cunha fiscal — a parcela de tributos que o Fisco arrecada por operação — ajuda a encarecer o dinheiro e preocupa Alcides Tápias, presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban). “Sai dinheiro pelo ladrão”, observa.

Nos cálculos da Febraban, o governo fica com 57,31% do spread, destinando-se 26,99% ao aplicador em títulos bancários cujo dinheiro foi usado para o empréstimo e 15,7% formam o resultado bruto do banco.

■ Mais informações na página 8

Paulo Vitale/AE



Alcides Tápias
“Há dinheiro saindo pelo ladrão”